

Perguntas sobre exposição do Bispo do Rosário,
no Centro Cultural Banco do Brasil de São Paulo
por **Fernanda Lopes**.

Queria que você falasse um pouco sobre o trabalho que vai estar apresentando. É inédito? Foi feito para essa exposição? Que tipo de relação você acha que pode ser estabelecida com a obra, a estética do Bispo?

O trabalho que estarei apresentando na exposição "Ordenação e vertigem" é inédito e foi concebido especialmente para esta exposição. Ao me convidar, o curador Agnaldo Farias apontou o espaço do cofre como local de apresentação de meu trabalho, por associá-lo a algumas de minhas proposições recentes, apresentados na exposição "Vasos Comunicantes" (Pinacoteca de SP, maio/jun 2003): PALAVRAS-CHAVES e SEGREDO. E ainda, a instalação CLAVICULÁRIO (Centro Maria Antônia USP, novembro de 2002 a janeiro de 2003), que era a própria vertigem da palavra, colocada em chaves em uma ordenação absoluta, cobrindo as paredes da sala.

Concordei com Agnaldo: nada mais apropriado que um cofre para tantos segredos! Mas ao invés do objeto chave (com ou sem palavras inscritas) resolvi colocar no cofre pessoas chaves. Após muito refletir sobre o que se guarda em cofres, conclui que o que haveria de mais precioso, seriam pessoas. Há duas imagens fortes:

1) pessoas chaves no sentido de serem muito importantes afetivamente a alguém e 2) pessoas chaves como aquelas capazes de abrir todas as portas (seja de uma carreira, seja de um sucesso desejado), não importando em que tipo de categoria do desejo.

Minha vontade de trabalhar com "pessoas chaves" também vem do fato de eu ter dois amigos que admiro muito, dois artistas: a artista visual VERA CHAVES e o músico CELSO LOUREIRO CHAVES, ambos de Porto Alegre. Este trabalho vem a ser também uma espécie de resposta a algumas das proposições/provocações que estes dois artistas me lançaram, em momentos distintos de minha formação.

O trabalho tem por título TODOS OS NOMES CHAVES. "Todos os nomes" é o título do romance de José Saramago. Este é um romance-vertigem, um profundo mergulho no enredo burocrático das classificações e suas falhas metodológicas. Há muitas coincidências entre a estrutura do romance e o conceito da exposição "Ordenação e vertigem" e particularmente com o meu trabalho;

1) No romance, a ambientação de base é um cartório, com todos os seus fichários e estruturas simétricas de organização do espaço. Fiz uma associação direta entre o cartório e o cofre do banco.

2) O personagem principal, Sr. José, é um grande colecionador. Entre suas coleções, está a de recortes de jornais que trata de pessoas famosas. Entre elas, um BISPO!

3) Em uma de suas buscas desesperadas de repertoriar pessoas (os arquivos são divididos basicamente entre OS VIVOS e OS MORTOS) foi sugerido ao SR. José

que procurasse os nomes na lista telefônica. Tomei esta indicação para mim e me apropriei de todos os nomes CHAVES da lista telefônica de São Paulo e de Porto Alegre, fazendo interseccionar estes espaços. Caso a exposição siga seu destino ao Rio de Janeiro, terei que acrescentar TODOS OS NOMES CHAVES da lista telefônica do Rio e assim por diante.

No momento, temos 864 nomes chaves, gravados em placas de latão e que serão distribuídas, em ordem alfabética, por todo espaço interno do cofre, configurando uma grande caixa de correspondência. O desenho do trabalho inclui a fresta para a colocação da carta e o tambor para o encaixe da chave (que neste caso, não estará presente). O desenho é de uma simetria absoluta. A ordem alfabética, a criação de ortogonais e as cores dos materiais, seja o verde-escuro do próprio cofre, o dourado do latão, o prateado do tambor para chave, a repetição do nome CHAVES, tudo leva a uma grande ORDENAÇÃO. A VERTIGEM, creio, estará no momento de ... bem, vamos deixar para o momento de abertura da exposição e da tomada de posição do próprio visitante!

Sobre a obra do BISPO:

A obra do Bispo é fantástica! Desde o início da apresentação de seu trabalho, creio que em exposições organizadas por Frederico de Moraes, fiquei fascinada com esta possibilidade de dar lugar ao compulsivo de maneira tão luminosa: uso de materiais do cotidiano, ordenação desse próprio cotidiano (as canecas, os talheres, as faixas, os congas), e ainda os nomes, os barcos, os seus referenciais de memória, enfim, essa necessidade de cumprir uma proposição, uma forma de comunicação, de maneira solitária, sem compromissos outros do que consigo mesmo.

Eu associo fortemente a produção de Bispo do pensamento e da produção do escritor francês Georges Perec, que gosto muito, principalmente de seus romances: AS COISAS, A VIDA, MODO DE USAR, PENSAR/CLASSIFICAR e ESPÉCIES DE ESPAÇO. Não estou procurando identificar uma relação direta, a nível formal, do trabalho que estou apresentando e o de Bispo. Sigo apontando a coincidência do personagem do romance de José Saramago, o Sr. José, de estar a procura de um melhor conhecimento dos dados de um bispo, de saber um pouco mais sobre sua história e percurso. Nesse sentido, com a exposição "Ordenação e vertigem", estaremos todos juntos nesta busca, já que a exposição nos oferecerá mais esta oportunidade de contato com sua produção instigante e suas relações com produções de artistas contemporâneos, não apenas artistas visuais, mas também ligados ao cinema, à dança, à música, ao pensamento.

Querida que você me falasse um pouco sobre como surgiu a idéia da fundação do espaço e como você e o Jailton se conheceram.

Eu e Jailton nos conhecemos no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1980. A primeira vez que o vi, ele estava mostrando seus desenhos em pastel no bar, para um grupo de amigos. Ao me aproximar, bati os olhos

nos trabalhos, já antecipando o desejo de aproximação, por pura admiração. Jailton e eu fomos colegas de algumas disciplinas e logo nos tornamos colegas como professores na Escolinha de Arte da Associação de Ex-Alunos do Instituto de Artes/UFRGS. Trabalhávamos no mesmo horário, em turmas diferentes, porém com a porta aberta. Ali, estreitamos nossos laços, sempre apoiados em convivência e conversas constantes, ampliando nossos repertórios de artistas, compartilhando o envolvimento com nossas respectivas produções e o nosso modo de conceber uma proposição artística. Jailton sempre falava muito em cinema e eu em literatura, cada qual configurando suas listas de filmes/livros. Tivemos também a oportunidade de realizar algumas viagens juntos, principalmente à Bienal de SP e uma viagem a Minas Gerais. Tudo isso deixou marcas importantes em nossa interlocução.

Eu me formei no Instituto de Artes em 4 anos, e Jailton conseguiu permanecer no curso por 16. Essa diferença de ritmos também permitiu que percebêssemos outra forte diferença: o desejo ou não de cumprir "contratos" institucionais. Eu logo parti para cursos de pós-graduações enquanto Jailton seguia em seus propósitos em educação através da arte, seja para crianças, adolescentes ou adultos. A necessidade de espaço para o desenvolvimento de suas atividades com adultos foi uma forte razão para a abertura do Torreão. Enquanto estive fora do Brasil, Jailton e eu continuamos nossa conversa, sendo que Jailton e Rosina, sua mulher, nos fizeram algumas visitas em Paris. No momento de anúncio de nosso retorno, Jailton perguntou-me: fazer o quê no Brasil (era a época do impeachment Collor), ao que pude responder: **fazer alguma coisa**. O Torreão é este "alguma coisa" e tem sido, ao longo destes 10 anos, alguma coisa muito importante para nós dois.

Desde o encontro do imóvel até a concepção do que seria ali desenvolvido, continuamos com a nossa prática de conversas. A idéia de convidarmos artistas para realizarem intervenções na torre surgiu também de nosso desejo de incremento de conversa, ampliação de diálogos e troca de informações. Tínhamos a garantia de ter conosco, pelo menos durante o período de montagem e apresentação do trabalho, mais um interlocutor. Com ele, vinha o público, que também criava uma interação direta com os alunos de Jailton.

O que quer dizer Torreão?

TORREÃO é o nome que demos ao nosso espaço por ele ter uma torre, um pequeno observatório nos altos da casa. É este o espaço que destinamos para a intervenção de artistas, que criam trabalhos para o local, com os elementos que constituem este local, isto é, escada, corrimão, pia, 12 janelas, espaço de mais ou menos 4,5 x 4,5 metros quadrados e um pé-direito de 3,5 m.. Muitas vezes (a maioria) os trabalhos são concebidos e destruídos ali mesmo, pois não há grandes aberturas para passagem de grandes volumes. Mas o Torreão, como lugar, como idéia, não se reduz ao espaço da torre, ao contrário. É todo o conjunto: espaço físico de mais ou menos 200 metros quadrados e espaço de idéias (sm possibilidade de precisar medidas!!!) envolvendo muitas atividades.

Querida que você me falasse um pouco das atividades desenvolvidas por vocês. Como é o funcionamento do espaço?

Além das intervenções de artistas, com uma média de 6 por ano, temos encontros para discussões e conversas com artistas e intelectuais interessados em apresentar suas problemáticas de trabalho. Estes encontros, os quais chamamos "Conversas" acontecem geralmente as domingos seis da tarde. Como já existem ao longo desses 10 anos, acreditamos que estejam fomentando, em níveis diferentes para cada um dos frequentadores, uma base para reflexões um pouco mais aprofundadas a respeito de nosso contexto artístico/cultural e acerca das razões de uma proposição artística. Como já disse, o Torreão é também o meu atelier e o de Jailton, é o lugar onde Jailton desenvolve suas atividades como professor, que incluem orientação de trabalhos individuais, análises de filmes, projeção de vídeos e slides, leitura de textos, sempre com muito espaço para as discussões. Destas atividades, tento participar o máximo possível, considerando que tenho grande parte de meu tempo preenchido por minhas atividades no Instituto de Artes, onde sou professora desde 1993, ano que coincide com o de meu retorno de Paris, onde concluí meu Doutorado e ano de inauguração do Torreão. Ao longo desses 10 anos, estreitou-se muito as relações entre o Torreão e o Instituto de Artes, sendo que muitos são alunos de um e de outro ao mesmo tempo.

Qual o balanço que você faz desses 10 anos de existência? Estão preparando alguma comemoração especial?

Já tivemos muitas comemorações este ano, e acho que vamos continuar comemorando até completarmos 11 anos. Estamos planejando publicar um livro, onde possamos, muito mais do que apenas documentar nosso percurso (temos fotos e vídeos de todas as intervenções, por exemplo, além de registros de outras atividades, como o recente Atelier Aberto, coordenado por Jailton), desenvolver uma profunda reflexão sobre ESPAÇO-LUGAR em arte contemporânea. Este seria um livro com um trabalho. Aliás, uma das conclusões que tivemos recentemente, eu e Jailton, é que o Torreão, em si, é um trabalho nosso, pois o constituímos pensando da mesma maneira do que quando concebemos um trabalho para uma exposição. Poderíamos dizer, creio, que o Torreão é uma somatória de nossas convicções a respeito da arte e de nossos modos de conceber a vida, associando sempre a produção à reflexão. Não que essas convicções sejam sempre estáveis,. Em suas oscilações, elas nos colocam à prova, e isto é o que tem nos movido e alimentado o nosso entusiasmo.

É preciso também lembrar que o Torreão não recebe nenhum tipo de subvenção. O investimento é nosso, particular. Sobrevivemos com o que podemos/queremos gastar. O que não nos impede de colocar em prática nossos projetos. Obviamente, para que o livro venha existir, precisaremos de apoio. Estamos procurando a maneira de o obter. Talvez a gente precise de ajuda, neste momento, de alguém especializado em obtenção de recursos, em formatação de projetos, pois temos muita dificuldade de fazê-lo.

Para falar um pouco de nossas comemorações, o ano 10 iniciou com a intervenção de Rômulo Conceição, que conseguiu construir um Torreão dentro do Torreão, isto é, reproduziu o espaço da torre, tal qual, com todos os seus detalhes, utilizando o mesmo tipo de material, em movimento ascendente. O visitante subia até o Torreão, entrava, subia novamente e entrava, até curvar-se para não bater no teto. Foi um grande presente que recebemos, pois mais do que o espaço duplicado, podíamos perceber ali um olhar sobre as camadas e camadas de intervenções que o Torreão já recebeu. São 58 intervenções ao todo, até o presente momento.

No dia do aniversário de fundação do Torreão, 19 de junho, realizamos uma conversa com o artista Marcos Sari, que estava com sua intervenção "Plano" nos altos da casa. Marcos foi aluno da Escolinha de Artes e continuou sendo aluno de Jailton desde sua adolescência até hoje. Atualmente, ele é meu aluno no Instituto de artes, e tudo isso tem significação especial, ajudando, talvez, a entender o que tentei apontar como "convicções". Este ano, também o Festival de Arte Cidade de Porto Alegre, promovido pelo Atelier Livre da Prefeitura, resolveu homenagear o Torreão pelos seus 10 anos. Desta forma, em promoção conjunta, trouxemos o artista Ricardo Basbaum, do Rio de Janeiro. Ricardo realizou uma intervenção no Torreão intitulada "Re-projetando Porto Alegre" envolvendo alunos do Torreão e de sua oficina do Festival. Eu e Jailton fomos também convidados para ministrar cursos neste Festival, além de realizar uma palestra sobre os 10 anos do Torreão. Foi um excelente e intensivo momento de estreitamento de laços, configurando uma verdadeira comemoração.

Como vocês vêem alternativa de artistas formarem grupos e espaços como uma forma de se manter fora do eixo Rio-São Paulo? Se não me engano, o Torreão foi a primeira iniciativa nesse sentido e deve ter influenciado muitos outros artistas.

Fernanda, tua questão é muito complexa e merece muito mais espaço e tempo para a reflexão. O Torreão existe a 10 anos, mas teve a sua visibilidade aumentada apenas a partir de 2001, quando foi inserido no contexto do Panorama/MAM. A partir deste momento, tivemos várias participações em mesas-redondas sobre a questão, em contato com outros artistas que mantêm espaços. Infelizmente, a maioria desses espaços já estão com as portas fechadas. Nós, eu e Jailton, nem podemos pensar nesta possibilidade, tal nosso entusiasmo atual!

Antes do momento do Panorama, mantivemos fortes relações com o Alpendre criado em 2000, que já foi resultado de nossos fortes e anteriores vínculos com Eduardo Frota e Manoel Ricardo de Lima, dois dos 7 fundadores do Alpendre. Também acompanhamos a abertura da "Galeria de Bolso", espaço pertencente à casa da cultura da América latina – UNB – que foi concebida pelo artista Gê Orthof, justamente a partir de seu diálogo conosco. Hoje, este espaço já funciona de modos diferentes da proposta inicial. Mas enquanto foi dirigido por Gê, acompanhamos intensamente suas proposições.

Quais os projetos do espaço para 2003? E de vocês dois?

Para 2003, ainda temos as intervenções de um artista alemão cujo nome terei que verificar e que inaugura dia 16/8. Já há 5 ou 6 anos, mantemos um acordo com o Instituto Goethe de Porto Alegre, que traz um artista alemão para passar um mês conosco, participando das atividades do Torreão, realizando uma intervenção e conversa de domingo. Depois dele, a intervenção de Isaura Pena, primeira artista mineira a apresentar-se em nosso espaço. Para outubro, e coincidindo com a abertura da Bienal do Mercosul, teremos a intervenção de Carlos Montes de Oca, artista chileno que já nos visitou várias vezes e concebeu um trabalho considerando as características do espaço e do momento de Bienal. Para a realização de seu projeto, por exemplo, ele pediu-me a lista de nomes de todos os artistas chilenos que participaram das três edições anteriores da bienal do Mercosul. Em nível mais amplo, as atividades seguem normalmente. Jailton, nesse momento, está saindo com uma turma de alunos para mais uma realização de Atelier Aberto, desta vez na Praia da ferrugem (SC), onde passarão 8 dias a trabalhar com os elementos da paisagem. Esta é a quinta viagem do grupo, sendo que as outras foram para São José dos Ausentes (RS), São José do Norte (RS), um deserto de Sal na Bolívia e um passeio de barco nas águas do Guaíba (POA). Eu, particularmente, estou muito envolvida com a produção de trabalhos para a participação das seguintes exposições, ainda em 2003:

“Ordenação e vertigem” – CCBB-SP – curadoria de Agnaldo Farias

“Palavra extrapolada” – Sesc-Pompéia – Curadoria de Inês Raphaelien

“Horas a fio” – Exposição individual no MAC-Dragão do Mar – Fortaleza

SIARTE – Evento internacional em LA PAZ-Bolívia. Estarei com uma exposição individual, representando o Brasil, acompanhada pelo crítico Tadeu Chiarelli, que indicou meu trabalho para integrar o evento.

Eu não separo estes momentos de apresentação e produção de trabalhos do que chamamos Torreão.